

Perspectivas positivas

A agenda de 2011 é sem dúvida alguma uma lista histórica de temas importantes para o mercado segurador. Os debates que certamente veremos e realizaremos nos próximos meses são de alto nível, com consequências positivas para todo mundo.

Digo isto sem ignorar o que já foi feito até o momento, pois se agora podemos avançar é porque muitas conquistas foram alcançadas pelo setor. E nunca é excesso repetir: quando o mercado de seguros vai bem, é sinal de que o país também está caminhando no rumo certo, as pessoas estão protegendo seus patrimônios.

Para discutir o momento atual, reunimos nesta edição do Notícias Sindsegs alguns dos temas mais relevantes para as seguradoras, como tecnologia, criação da agência estatal, tendências da Economia e diversificação das apólices.

Um trunfo neste sentido é a conversa com Jorge Hilário, nosso colega e presidente da CNSeg, que nos presenteia com uma entrevista sobre microsseguro, papel do Governo na agenda econômica, entre outros assuntos.

Essa agenda não quer dizer que devemos diminuir o ritmo. Pelo contrário, o momento é de arregaçar as mangas, ir até onde as pessoas estão e mostrar o quão importante é o seguro para o funcionamento da sociedade.

Quando estamos todos unidos em torno deste ideal, somos beneficiados e beneficiadores.

Boa leitura!



Agenda 2011: desafios e oportunidades



Nos últimos meses, um dos temas mais presentes no mercado segurador é a possibilidade de criação de uma agência reguladora focada no Seguro Garantia, dando apoio à Superintendência de Seguros Privados (SUSEP).

Para a Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais (CNSeg), a criação da agência seria uma conquista para o mercado. "O setor precisa ter mais liberdade. Precisamos evoluir na aprovação de leis e na regulamentação", afirmou recentemente o presidente da Confederação, Jorge Hilário Vieira.

Em resumo, o papel de uma agência está focado na regulação e fiscalização de um segmento econômico específico que utilize itens de interesse público. Alguns setores já possuem seus órgãos regulatórios, como é o caso de recursos hídricos (ANA), aviação civil (ANAC), telecomunicações (ANATEL), vigilância sanitária (ANVISA), transportes terrestres (ANTT), entre outros.

O Governo publicou que a Agência Brasileira de Garantias (nome provisório) reunirá as empresas de seguro naval, elétrico e de parcerias público-privadas, ao custo de R\$ 11 bilhões, realocados das companhias já existentes. Obras como o trem-bala, estádios de futebol, ginásios olímpicos e outras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) são alguns exemplos do foco da Agência Brasileira de Garantias. Em artigo escrito para o site do Sindseg SP, Antonio Penteadou analisou este cenário: "Como as grandes obras de infraestrutura estão saindo do papel, a atuação de empresas especializadas em seguros de garantia e crédito, com certeza, também se tornará mais intensa."

A criação da agência, no entanto, precisa da aprovação do Congresso Nacional, mas antes é necessário que o Governo federal encaminhe uma proposta em formato de Projeto de Lei ou Medida Provisória.

Análise

O setor de Seguros está aquecido, em sintonia com o aquecimento da economia brasileira. Especialistas estimam que o crescimento em 2011 deva ficar próximo de 4,5%, o que é um bom desempenho, mas, ao mesmo tempo, representa uma queda de mais de 35% sobre o índice de crescimento de 2010. Neste cenário, é possível esperar uma diminuição da atividade econômica nacional a partir do segundo trimestre. O impacto desta redução só vai ser sentido depois de alguns meses, ou seja, bem mais para o final do ano. Nosso colaborador, o advogado e especialista no setor de Seguros, **Antonio Penteadou Mendonça**, escreveu um artigo sobre o assunto, ressaltando em perguntas os desafios dos próximos meses. Leia a íntegra na **Página 4**.

Seguro para novidades tecnológicas

No século XXI, não é possível viver sem esbarrar em um gadget – palavra em inglês que, ao pé-da-letra, significa “dispositivo”, mas é mais comum para definir equipamentos móveis como celulares, smartphones e e-readers. Só os tablets PCs venderam mais de 17 milhões de unidades, cifra que deve aumentar para 44 milhões em 2011.

Neste cenário, o papel das seguradoras envolve a criação de novas apólices que garantam a cobertura de complexos aparelhos eletrônicos. Algumas empresas já começaram a pensar em soluções para este mercado, incluindo uma apólice focada nas vendas de iPads, tablet fabricado pela Apple. Algumas seguradoras já firmaram parceria com redes de varejo e estenderam a cobertura para furtos qualificados (quando existe destruição de obstáculo) de câmeras digitais, aparelhos celulares, MP3 Player, filmadoras, GPS e até videogames.

No caso do iPad, o custo anual do seguro para o consumidor é de aproximadamente 15% do produto, que é oferecido no mercado com preço médio de R\$ 2 mil.

A tendência é de que o preço destas tecnologias caia, especialmente com a entrada de novas marcas. Atualmente, as principais são Apple, BlackBerry, Google e Samsung. A expectativa de alguns especialistas em Tecnologia da Informação é de que os futuros lançamentos da HP e da Motorola incomodem os atuais líderes.



TURISMO

Coberturas para viagens

Férias de verão, carnaval e feriados prolongados são as principais oportunidades para o brasileiro viajar. A movimentação é tamanha que, em algumas épocas, a ocupação em hotéis fica próxima dos 100%, especialmente nas grandes cidades e regiões litorâneas.

Uma modalidade de seguro que cresce muito nesta época do ano é o Seguro Viagem. Extravios de bagagem, acidentes, assaltos e perdas de documentos são sinistros mais comuns. Algumas seguradoras juntam alguns serviços às apólices, como traslado entre aeroporto e hotel.

Para o mercado segurador, as viagens são um terreno a ser explorado, com chances reais para se aproximar do consumidor. A apólice de Seguro Viagem teve expansão em torno de 140% em 2010, sendo que nos primeiros nove meses do ano, os prêmios somaram quase R\$ 27 milhões.

O aquecimento da economia tem relação direta com este avanço. No setor de viagens, os números são cada vez mais animadores, pois os brasileiros gastaram US\$ 16,4 bilhões fora do país no cartão de crédito. Na comparação com 2009, o crescimento foi de 50%. As companhias aéreas esperam um aumento de até 18% no número de viagens em 2011.

Segundo especialistas, o aumento da procura por Seguro Viagem também se explica pela difusão cada vez maior de informações. Turistas estão mais atualizados sobre mudanças climáticas e eventos da natureza que, para quem não tem uma apólice, pode significar um prejuízo imprevisível.



Jorge Hilário Gouvêa Vieira

Presidente da CNSeg

ENTREVISTA

Mercado parceiro da sociedade

O mercado segurador é particularmente rico em lideranças de qualidade. Homens e mulheres que estão à frente das negociações que afetam não apenas o futuro das empresas, mas a vida de todos os brasileiros. No caso da CNSeg, essa função é responsabilidade do advogado Jorge Hilário Gouvêa Vieira, que foi presidente do IRB Brasil Re e atua, desde 2010, como presidente da entidade. Ele concedeu uma entrevista exclusiva para o Notícias Sindsegs sobre alguns dos temas que neste momento estão movimentando o setor, a imprensa e os órgãos públicos.



Notícias Sindseg: Em 2010, o setor se viu diante da possibilidade de uma seguradora estatal. O novo Governo que assumiu em 1º de janeiro veio com a promessa de ser continuidade do Governo Lula (2003-2010). Existe a possibilidade de que este projeto seja retomado?

Jorge Hilário: A informação que temos é a de que o Governo tem a intenção de criar a ABG (Agência Brasileira de Garantias) através de um Projeto de Lei. Ainda estamos aguardando esta decisão ser aprovada, o que deve acontecer ainda este ano.

NS: No caso da agência reguladora do setor, é possível esperar que esta proposta seja aprovada no primeiro semestre deste ano?

JH: Não temos esta informação. A aprovação desta proposta está com o Governo e não temos previsão e conhecimento de quando ela irá acontecer.

NS: A CNSeg entregará à SUSEP uma proposta para simplificação das apólices. Quais os benefícios diretos para os consumidores e as seguradoras?

JH: A nossa intenção com esta medida é oferecer mais clareza e transparência aos contratos e beneficiar o consumidor, para que ele entenda exatamente o que está contratando, qual a cobertura contemplada, quais são seus direitos e deveres. Os consumidores serão o principal alvo de nossas ações. O olhar do mercado será cada vez mais voltado para a criação de produtos e condições customizadas. O mercado segurador brasileiro está atento às mudanças da sociedade para aperfeiçoar a prestação de serviços.

NS: Quais são os principais desafios para o mercado segurador em 2011? Como podem ficar as mudanças com o Resseguro?

JH: Temos uma série de desafios para 2011. Posso destacar alguns: mapear e estudar os fatores que inibem o crescimento do setor; expandir o acesso das classes C e D ao seguro; formar uma Câmara Técnica da cadeia produtiva da saúde suplementar para discutir a sustentabilidade do setor; regulamentar a blindagem de planos de caráter previdenciário; viabilizar economicamente o seguro de automóveis antigos; desenvolver o Seguro Rural, os Seguros D&O e Ambiental; expandir o seguro popular, entre eles o microsseguro, e ampliar o Seguro Garantia, principalmente com a realização das obras do PAC, da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016.

Em relação às mudanças no Resseguro, a CNSeg está avaliando, no seu âmbito de competência, os reflexos normativos para as empresas de seguros, previdência privada e de capitalização e, tão logo haja definições a respeito do assunto, será dado conhecimento. Este assunto é de interesse direto da ABER – Associação Brasileira de Empresas de Resseguro. A CNSeg está avaliando o impacto das novas regras nas seguradoras.

NS: Os microsseguros foram muito comentados nos últimos meses, mas a sociedade ainda espera a regulamentação. Como o senhor enxerga esta questão?

JH: Os riscos cobertos pelo microsseguros estão concentrados no Seguro de Vida, mas esta pode ser a porta de entrada para as seguradoras oferecerem produtos convencionais de seguros para o público de baixa renda. Para as seguradoras, os microsseguros criam a oportunidade de atingir novos mercados e construir uma marca mais forte, disseminando produtos convencionais de seguros.

Os desafios que os microsseguros enfrentam, no entanto, são a insuficiência de infraestrutura, a ausência de regulação específica e a falta de informações sobre exposição e riscos. Entretanto é um mercado muito promissor.

“ O mercado segurador brasileiro está atento às mudanças da sociedade ”

NS: Como a CNSeg encara as novidades tecnológicas como as novas mídias sociais?

JH: As novas mídias são uma realidade e o mercado de seguros está atento a este novo canal. Diante da multiplicidade de informações e da possibilidade de fazer comparações através da internet, acredito que o consumidor teria ampliada a sua capacidade de decidir. Outro ponto a se considerar, é a economia de papel e impressão por parte das seguradoras. Porém, as questões de segurança, são fatores fundamentais para qualquer transação na internet e estão merecendo toda a nossa atenção.

Em janeiro, o jornal Brasil Econômico publicou um artigo do presidente do Sindseg SP, Mauro Batista, intitulado “Brasil mais seguro”.

O texto analisava o mercado segurador em 2010 e traçava os principais pontos da agenda 2011, como microsseguros e grandes obras.

A publicação repercutiu em pelo menos outros dez veículos de comunicação, como blogs e portais do setor.



ARTIGO . Antônio Penteado Mendonça*

Perguntas sem respostas

O ano começa com o setor de seguros aquecido, impulsionado pelos recordes quebrados ao longo de 2010. Como a atividade seguradora é uma atividade de suporte, que acompanha a economia no ritmo em que o país se desenvolve, não é possível acontecer uma mudança de rumo abrupta, que reduza substancialmente a velocidade de crescimento do setor, pelo menos neste ano.

É verdade que, pela toada do mundo e pelos fatores internos que influenciam a economia, 2011 deve acabar com uma taxa de crescimento menor do que 2010. Gente que entende do assunto estima este número em algo próximo de 4,5%, o que é um bom desempenho, mas, ao mesmo tempo, representa uma queda de mais de 35% sobre o índice de crescimento de 2010.

Com base nesta previsão, bem como no risco da inflação ficar mais elevada do que a meta do Governo, agravado pelo baixo patamar do dólar e pelo esgotamento da política de juros altos, pode-se esperar uma diminuição da atividade econômica nacional a partir do segundo trimestre.

Curiosamente, pelas características da atividade seguradora, o impacto desta redução do crescimento brasileiro só será sentido depois de alguns meses, ou seja,

bem mais para o final do ano.

Com relação ao setor, especificamente, o ano de 2010 se encerrou e 2011 começou com um susto dado pelo CNSP ao baixar as Resoluções 224 e 225, interferindo drasticamente na operação de resseguros.

De outro lado, a reconfiguração das seguradoras prossegue em ritmo acelerado, gerando mudanças que tendem a se aprofundar ao longo do ano.

Uma das grandes maldições chinesas é desejar ao desafeto que viva em tempos interessantes. A razão é simples: tempos interessantes são também períodos de turbulência causada pela rapidez dos fatos, pela alteração da ordem vigente, pelo surgimento de novos desafios e pela necessidade de novas soluções.

O setor de seguros brasileiro atravessa, já faz alguns anos, o período mais interessante de toda sua história. Desde a estabilização da moeda, a atividade entrou num verdadeiro tornado, rodopiando em alta velocidade, expelindo antigas práticas e trazendo para dentro uma realidade social completamente diferente do Brasil de 20 anos atrás.

E, no todo, o setor vem se saindo muito bem, tanto que, ao longo deste período, apresentou taxas de crescimento entre as mais altas da economia, se expandiu

para praticamente todas as camadas da população, desenvolveu produtos modernos e afinados com as necessidades socioeconômicas e vai se redesenhando e obrigando os players a se reinventarem para não ficar fora do jogo.

Por tudo isso, várias perguntas, hoje, não têm respostas. As respostas estão sendo construídas no dia a dia, no embate entre oferta e necessidade, entre preço e resultado, entre eficiência e práticas viciadas.

Qual o futuro das seguradoras ligadas a conglomerados financeiros? Qual o futuro das seguradoras independentes nacionais? Qual o futuro das seguradoras de capital estrangeiro? Qual o futuro do resseguro?

E, mais especificamente, teremos uma “Agência Reguladora”? Qual sua missão: garantir capacidade para o mercado ou se transformar numa super-reguladora de toda a atividade?

Se é verdade que ainda é cedo para sabermos as respostas, as perguntas devem estar permanentemente no foco de quem milita no setor. Se não for por nada, para não ser passado para trás.



* O advogado e consultor escreve bimestralmente ao Notícias Sindsegsp
Leia também os artigos semanais de Antônio Penteado Mendonça no site: www.sindsegsp.org.br